

CAMPEANDO EM CIDADES: GEOGRAFIA URBANA E TRABALHO DE CAMPO

Angela Maria ENDLICH¹

RESUMO

O artigo tem como objetivo refletir sobre as atividades de trabalho de campo, especialmente voltadas a questões urbanas e realizadas com acadêmicos. Com base em reflexões teórico-metodológicas sinalizamos algumas concepções existentes, considerando quais seriam as que proporcionam maior aprendizado. Como referencial empírico, sistematizamos os diversos trabalhos de campo realizados referentes a esta área de conhecimento, para com base neles, igualmente, refletir sobre alcances possíveis na formulação destas atividades. Os trabalhos de campo, de modo geral, apresentam resultados expressivos na formação dos seus participantes. A significância extrapola conteúdos objetivos, afetando aspectos inesperados, como a sociabilidade do grupo de participantes e aprendizado acerca de diferentes abordagens da Geografia Urbana, além de intercâmbio com equipes de locais visitados. Em soma aos objetivos mencionados, com este texto homenageamos nosso colega e amigo César Miranda Mendes, falecido há um ano e com quem realizamos muitos trabalhos de campo, voltados a Geografia Urbana e outras atividades vinculadas a questões urbanas.

Palavras chave: Trabalhos de campo. Geografia Urbana. Roteiros. Cidades. Questões urbanas.

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Pós-doutorado pela Universidade de Barcelona (2013-2014). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

CAMPEANDO EN CIUDADES: GEOGRAFÍA URBANA Y TRABAJO DE CAMPO

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las actividades de trabajo de campo, especialmente los direccionados a cuestiones urbanas y concretadas con académicos. Con base en reflexiones teórico-metodológicas señalamos algunas concepciones, considerando cuáles serían las que proporcionan mayor provecho en el aprendizaje. Como referencial empírico, sistematizamos los diversos trabajos de campo concretados referentes a esta área de conocimiento, para con base en ellos, igualmente, reflexionar sobre alcances posibles en la proposición de estas actividades. Los trabajos de campo, en general, presentan resultados expresivos en la formación de sus participantes. La significancia extrapola contenidos objetivos, afectando aspectos inesperados, como la sociabilidad del grupo de participantes y el aprendizaje acerca de diferentes enfoques de la Geografía Urbana, además del intercambio con grupos de locales visitados. Añadimos a los objetivos mencionados, o de con el texto homenajear a nuestro colega y amigo César Miranda Mendes, fallecido hace un año y con quien realizamos muchos trabajos de campo, volcados a Geografía Urbana y otras actividades vinculadas a cuestiones urbanas.

Palabras clave: Trabajos de campo. Geografía Urbana. Itinerarios. Ciudades y cuestiones urbanas.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre os trabalhos de campo e suas diferentes concepções, retomar aqueles realizados, em especial quanto a Geografia Urbana visando construir uma memória, ainda que parcial e, com isso, homenagear um professor e colega. Esses são os intuitos que nos levaram a composição deste artigo.

Em 25 de outubro de 2017 faleceu César Miranda Mendes, com quem dividimos muitas experiências acadêmicas na graduação e na pós-graduação em Geografia junto a Universidade Estadual de Maringá. Ministramos concomitantemente a disciplina de Geografia Urbana e a optativa da graduação Urbanização do Terceiro Mundo, além de disciplina na pós-graduação na qual compartilhávamos reflexões sobre as dinâmicas socioespaciais no Paraná, com seus aspectos econômicos, demográficos e urbanos.

Ademais das atividades em disciplinas, compartilhamos o mesmo grupo de pesquisa – Grupo de Estudos Urbanos (Geur), inúmeras bancas acadêmicas, dentre outras atividades do cotidiano da Universidade, pautadas pelo coleguismo, mas também pela amizade. Em diversos momentos a parceria fora estabelecida, em iniciativas propostas ora por um, ora por outro. Escolhemos para analisar em homenagem ao colega, uma das atividades que mais realizamos em conjunto: trabalhos de campo voltados a Geografia Urbana. Deste modo, embora este artigo procure contemplar a racionalidade necessária para ser proposto como tal, como se trata de uma homenagem tem também uma carga emocional.

O trabalho de campo, concordamos com Suertegaray (2002), corresponde a uma atividade fundamental para a Geografia, porém, pouco se discute acerca do tema. Sobre isso, vemos convergência em Sansolo (2000) quando assinala que tal atividade está nos caminhos da Geografia sem que se busque um aprofundamento do debate teórico, abrangendo as concepções as quais está vinculado. São sinalizações que mostram a pertinência em propor reflexões, com o objetivo de contribuir com esse debate.

Campear, explica Suertegaray (2002) é uma palavra que embora originariamente utilizada pelo homem do campo, passou a ser utilizada de maneira ampla pela população da Campanha no Rio Grande do Sul e significa procurar. Na realidade, trata-se de termo utilizado também em outras áreas do Brasil, como no interior do Nordeste. Segundo a mencionada autora, ao adotar esta palavra como uma concepção de trabalho de campo, enriquece-se o significado

desta atividade, pois na medida em que se está campeando, se está procurando, enfim, pesquisando ou ainda, construindo conhecimento. Se entendemos campear como pesquisar, cabe dizer que pesquisar é busca. É nesse sentido que nos propomos a sistematizar e refletir quanto aos trabalhos de campos, analisando aqueles realizados e vislumbrando possibilidades a serem exploradas e, assim, contribuir para difundir e aprimorar esta rica atividade.

O artigo está organizado em duas partes. Na primeira “Trabalho de campo e suas diversas acepções: algumas reflexões” apresentamos ideias mais genéricas sobre o tema, tendo em vista as formas de encaminhamento de acordo com as concepções metodológicas e outras questões relativas à sua sistematização. Na segunda parte, nos dedicamos a análise mais específica: “Geografia Urbana e trabalho de Campo”, na qual além de trazer algumas especificidades, sistematizamos os campos realizados em item denominado: “Propor trabalhos de campo: roteiros realizados”. Nele elaboramos dois quadros com campos de Geografia Urbana e campos com questões urbanas implícitas, embora formulados para outras disciplinas.

2 TRABALHO DE CAMPO E SUAS DIVERSAS ACEPÇÕES: ALGUMAS REFLEXÕES

Basta um levantamento bibliográfico razoável para apreender pontos comuns e recorrentes acerca do tema, como a visão positiva do trabalho de campo e seus tipos diferenciados. Uma das poucas referências que traz ressalvas é a de Alentejano e Rocha-Leão (2006), o que se observa desde o título: “Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?”. Os autores também defendem que é atividade fundamental, mas não pode estar desarticulada da teoria, sob o risco de tornar-se banal.

São diversas as concepções e objetivos quanto a um trabalho de campo. É habitual a diferenciação entre as “excursões” tradicionais e os trabalhos de campo com procedimentos ativos de levantamentos e interação com a realidade visitada, por exemplo. Na excursão as observações são direcionadas pelos professores, a priori, conforme Sansolo (2000). Embora limitada e diretiva, ela não significa, de modo nenhum, viagens com objetivos turísticos que também utilizam esse termo, pois isso não tem a ver com a formação do geógrafo.

Com preocupação similar quanto a diferenciar os trabalhos de campo, principalmente os vinculados a Geografia Humana, Silva (1982) os classifica em a) trabalhos analíticos empíricos,

nos quais a experiência é o parâmetro básico, mas inclui a coleta de dados (questionários ou entrevistas); b) trabalhos com enfoque lógico (lida com modelos e representações funcionais); c) trabalhos com análise dialética ontológica e epistemológica, com objetivo de ir para além da aparência, decifrar a realidade, por meio de coleta e organização de dados dentro de uma estrutura interpretativa diferenciada. Ele considera que há um movimento de reflexão que acompanha o momento de coleta de dados, alertando que mais do que apenas coletar os dados, é preciso aproveitar essa reflexão. O mesmo autor destaca a dimensão humana que precisa estar contemplada na Geografia e, em consequência, nas atividades de campo: “É preciso compreender a dimensão do humano na Geografia, sem o que não se faz Geografia” (SILVA, 1982).

As contribuições deste autor, voltam-se a busca de teóricos relevantes da Geografia verificando o tipo de campo que eles realizaram, bem como o método de pesquisa correspondente. Ele fala da necessidade de sair do senso comum. Afirma que se o conhecimento científico não se diferenciava das aparências da realidade não seria necessária a ciência e alerta que não se deve ler o aparente como real.

Em trabalho bastante recente de outra autora, encontramos debate parecido, igualmente considerando a abrangência do que pode se considerar trabalho de campo, bem como suas diferentes denominações. Silva (2018) sinaliza a compreensão de que ele consiste em toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o *ensino escolar*. Ou, em decorrência de experiência mais recente vinculada à formação técnica, a observação e interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes à *prática social*. (SILVA, 2018).

A mesma autora, trata o trabalho de campo como forma de aproximação da teoria com a prática, lembrando Paulo Freire, de que não há contexto teórico se este não estiver em união dialética com o contexto concreto. Ela finaliza afirmando que o diálogo com o espaço geográfico, atividade viabilizada pelo trabalho de campo, se dá para além das fronteiras verbais, no *chão*, como prática *andante*. Como assinalamos antes, campeando.

Deste modo, nas classificações diferenciadas para os trabalhos de campo, estão implícitas as concepções metodológicas que movem seus proponentes. De acordo com

Suertegaray (2002), diferentes métodos resultam em campos diferentes. A mesma autora sinaliza para a sua compreensão acerca do tema, com a qual convergimos. Independentemente do recorte geográfico abrangido, trata-se de um sistema mundo do qual fazemos parte. Tanto ele nos transforma como podemos transformá-lo (SUERTEGARAY, 2002).

Ao pensar metodologicamente o trabalho de campo, reiteradamente a observação é considerada insuficiente. Não que ela precise ser descartada, mas é preciso ir para além dela. Nem tudo pode ser apreendido pela observação. Um campo realizado há mais de duas décadas em uma localidade denominada Nova Porto XV de Novembro² - um assentamento no Pontal do Paranapanema implementado pela Cesp - mostrou-nos claramente os limites de apenas observar. Ao percorrer a localidade, na época com casas recém-construídas, a aparência era a expressão da “Ordem e Progresso”. Contudo, ao conversar com seus moradores percebíamos faces daquela realidade que não correspondiam a essa aparência, pois eles revelavam as dificuldades de adaptação de uma comunidade ribeirinha em um assentamento urbano e as diversas implicações deste fato. Apenas mencionamos esse caso aqui, com o objetivo de reforçar a ideia de que a observação pode ser limitada, embora ela possa ser aproveitada de modo mais positivo. Sansolo (2000) ressalva que a observação não precisa ser sinônimo de empirismo. Convergimos com essa ideia, pois observar pode ser uma ação instruída pela teoria e é um procedimento que pode abarcar diferentes perspectivas. Trata-se de um procedimento que deve ser superado ou enriquecido, mas não eliminado.

As atividades com participação ativa (questionários, entrevistas ou outras formas de interação com a realidade), de modo geral demandam mais tempo do que o disponível em uma viagem de poucos dias, como tem sido as mais frequentemente realizadas e viabilizadas juntamente com alunos. Contudo, mesmo nas viagens e saídas para trabalho de campo mais rápidas é possível estimular a reflexão, valorizando a observação mais subjetiva, bem como a sua interpretação. Ademais, quando os roteiros se voltam especificamente para um tipo de problematização e aprendizado, com amparo teórico, o recorte estabelecido contribui para o seu melhor aproveitamento.

² Nova Porto XV de Novembro – é um distrito de Bataguassu, Estado de Mato Grosso do Sul. Tem história longínqua no tempo como Porto XV, comunidade ribeirinha que precisou ser transferida em função do enchimento do reservatório da Usina Hidroelétrica Sérgio Motta, que alagou a área original do distrito. A nova localidade foi construída entre 1992 e 1994. Realizamos a visita no ano de 1996. Foi um trabalho de campo marcante, embora em local de dimensões tão pequenas, pelas reflexões que provocou.

É preciso lembrar, que os ganhos em um trabalho de campo vão para além do aprendizado quanto aos conteúdos e a realidade para os quais está voltado. Pensamos especialmente na sociabilidade promovida entre os componentes do grupo.

É frequente que os trabalhos de campo sejam sistematizados em relatórios. Observamos que elaborar uma memória detalhada das atividades desenvolvidas, complementadas por pesquisas posteriores é algo que se deve fazer sempre, como atividade avaliativa ou não. Cada participante deve encontrar sua maneira de registrar suas observações e informações obtidas. Contudo, na atividade docente consideramos de excelente resultado a elaboração de relatório coletivo. Como exemplo mencionamos relatório elaborado a partir do trabalho de campo realizado em São Paulo, onde subdividimos os pontos visitados para sua elaboração. Cada equipe utilizou anotações próprias, completadas por pesquisas e escreveu um texto mais detalhado, superando versões superficiais que quando elaborados individualmente são entregues.

Deste modo, em versão digital, foi produzida uma memória coletiva do grupo. Foram aproveitadas as anotações bem como consultas complementares e, ao mesmo tempo, os talentos dos participantes, como a elaboração da imagem da capa por Elivelton Custódio de Oliveira exposta na Figura 1. Nesta figura, aparece na folha seguinte do relatório coletivo, os nomes dos participantes e a fotografia do grupo na Bovespa. A sistematização das viagens de estudos e trabalhos de campo, de modo geral, compõe parte do aprendizado, pois para elaborá-la é preciso consultas para ampliar informações, sanar dúvidas, ordenar ideias e fatos, enfim esforços que contribuem para compreender melhor as atividades realizadas.

Além dos pontos de visita e observação relatados, solicitamos aos participantes ponderações acerca do que observaram subjetivamente na viagem e o que consideravam como o melhor e o pior da metrópole de São Paulo. Fizemos uma síntese no final, que no conjunto do relatório coletivo mostrou-se muito valiosa. Os alunos participantes ainda que em palavras diferentes, convergiram em assinalar como pontos positivos a diversidade de pessoas, de cultura e espaços públicos. Por outro lado, entre os pontos negativos, observamos que puderam claramente apreender a desigualdade social, com elevado número de moradores em condição de rua e locais social e ambientalmente degradados. Neste sentido, compreendemos que foi despertada nos participantes a habilidade sensorial (LIMA; ASSIS, 2004).

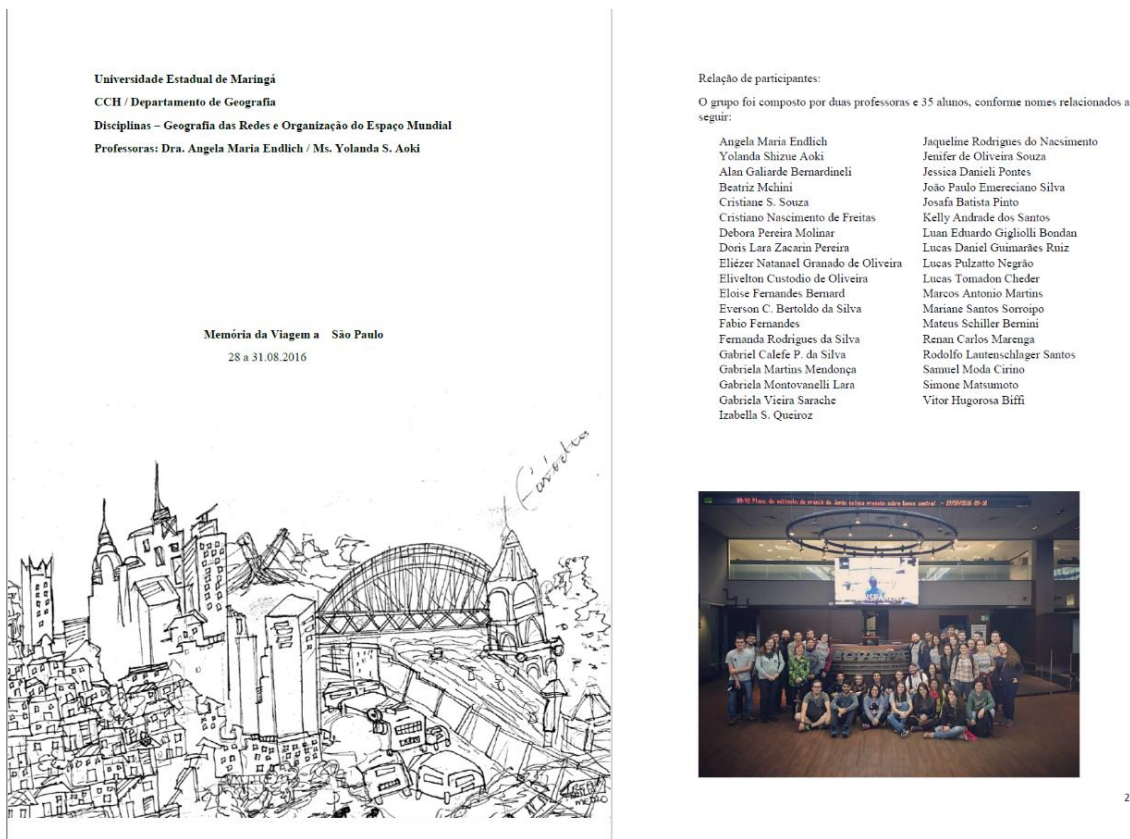


Figura 1- Capa e página inicial de relatório coletivo de viagem de estudos a São Paulo, 2016

Lima e Assis (2004) referem-se a outras formas de aproveitamento do trabalho de campo e das visitas realizadas, para além do relatório, como o debate com a turma sobre o que foi apreendido: relatórios, *blogs*, *fotoblogs* e exposições. Reservar um tempo para o debate após as visitas é fundamental. O refletir coletivo acerca da atividade realizada frequentemente mostra-se bastante enriquecedor.

As possibilidades de trabalhar e debater a partir dos registros fotográficos pode ser igualmente proveitoso. De modo geral, experiências de campo são acompanhadas por muitas fotografias, especialmente desde que os telefones celulares passaram a contar com a câmera fotográfica. Cada vez com possibilidades de capturar com maior qualidade as imagens, as fotografias passaram a depender menos da potencialidade técnica dos equipamentos e mais do seu uso criativo e adequado. Suertegaray (2002) lembra Sebastião Salgado, valorizando sua visão de mundo que constitui expressão de um método, o que ele quer e como quer olhar. Sua sofisticada máquina responde ao seu caminhar. O mesmo com as tecnologias vinculadas aos

Sistemas de Informação Geográfica, que não são por si só possibilidade analítica, mas instrumentos (SUERTEGARAY, 2002).

Tratar do tema mostra cuidados necessários e ideias que podem significar avanços. Ainda que em viagens rápidas, com cronograma que não permitem uma interação maior e procedimentos de levantamentos mais detalhados, é sempre possível trabalhar com os participantes como sujeitos pensantes da realidade vivenciada. Os roteiros elaborados precisam estar contextualizados teoricamente, com conteúdos pautados pelos campos de conhecimento envolvidos na atividade.

Na próxima parte dedicamo-nos mais diretamente ao campear em cidades, documentando campos realizados, bem como estabelecendo algumas reflexões sobre o trabalho de campo na Geografia Urbana.

3 GEOGRAFIA URBANA E TRABALHO DE CAMPO

A Geografia Urbana, juntamente com demais campos científicos, volta-se a pesquisa sobre o processo de urbanização e a territorialização desse processo, como os diferentes tipos de assentamentos urbanos e como ocorre a produção deles. São muitas as temáticas de trabalho, bem como diversas escalas geográficas podem ser contempladas. As análises tanto podem voltar-se para aspectos intra-urbanos bem como aos interurbanos.

Os diversos tipos de cidades abrigam mais da metade da população mundial desde 2008 e, no caso do Brasil as cifras de urbanização são próximas a 90%. Portanto, estes constituem o espaço da vida cotidiana de significativa parte dos brasileiros. Portanto, a Geografia Urbana, como demais ciências inseridas no campo das Ciências Humanas e Sociais, trata de realidades que podem ser exemplificadas pelos espaços vividos. Embora seja fundamental a referência a outros casos, longínquos no tempo e no espaço, muito do problematizado no âmbito deste domínio científico pode se voltar a cidades próximas, procurando entender o que vemos no cotidiano.

Deste modo, quando abordamos a questão urbana, não estamos analisando outro planeta nem espaços remotos, mas o espaço vivido, próximo e concreto. Certamente isso traz facilidades, mas ao mesmo tempo dificuldades. Vivemos em uma cidade e isso facilita nos referenciar

pelo concreto. Por outro lado, é possível que o acostumar-se ao cotidiano comprometa a capacidade de estranhamento. Trata-se de aprender ou reaprender a olhar, estranhar e indagar. Kayser (2006) em capítulo denominado “O geógrafo e a pesquisa de campo”, apresenta o seguinte subtítulo: “Sob o cotidiano, descubra o inexplicável”, inspirado em excertos da peça de Bertoldo Brecht denominada “A exceção e a regra”, a mesma que utilizamos para escrever um artigo com finalidade mais literária “Sobre olhar o mundo com estranheza” (ENDLICH, 2005), no qual buscamos em diversas obras esse olhar de estranheza. Kayser (2006) afirma que essa é uma observação que pode ser transposta para quem realiza pesquisa de campo. Para este, o familiar, o cotidiano, é o importante, o significativo.

Talvez mais relevante do que conhecer espaços longínquos, é conseguir trazer novas formas de olhar a própria cidade e a própria realidade. Neste sentido, Lacoste (2006), por sua vez assinala que não é indispensável ir muito longe para encontrar matéria de observação e de pesquisa. O terreno pode estar, inicialmente, nas proximidades da universidade: caminhar a pé para ser o modo principal de deslocamento. Consideramos que ainda que se possa realizar outras atividades de campo, mais distantes e proporcionadoras de novos referenciais geográficos para os participantes, é fundamental aquelas que se voltam a própria realidade socioespacial, especialmente as que se realizam caminhando, pois os detalhes se revelam deste modo.

O processo de urbanização é geral, mas é necessário trabalhar com as expressões concretas que representam a sua materialidade. Silva (1982) quando trata da questão do trabalho de campo, afirma que em um sentido empírico tradicional ele confunde-se com o lugar que se percebe e do qual se pode ter vivência mínima cotidiana, o que reitera o que assinalamos antes, quanto a necessidade de se manter atento, ultrapassando o que se apreende na pressa de cada dia, especialmente quando se realizam atividades de campo na própria cidade de vivência dos participantes.

Obviamente, existem diversas possibilidades de trabalhos de campo em espaços urbanos: na própria cidade ou em outras. Neste último caso, com o objetivo de ampliar os referenciais geográficos, dentre outros mais específicos. É preciso considerar que não se trata apenas de escolher cidades, mas de trabalhar o roteiro de acordo com problematizações teoricamente situadas. São muitas as possibilidades em uma só cidade ou em uma série delas. Tematizar o campo, buscando nos espaços em que ele abrangerá locais e situações próprias

relacionadas a determinada questão diferencia-se substancialmente de trabalhos de campo genéricos.

Sistematizamos na sequência os trabalhos de campo que realizamos voltados a Geografia Urbana, ou dedicados a outras disciplinas, mas incluindo questões urbanas. Ao nos debruçarmos sobre a temática de trabalho de campo e a sistematização do que realizamos, elaboramos um levantamento dos roteiros percorridos e outros registros. Contudo, como se tratam de muitas atividades desenvolvidas no decorrer dos anos, foi como se ligássemos uma máquina do tempo para recuperar as informações. Este esforço tem dois intuitos: o de registrar uma memória do que foi realizado e refletir acerca das experiências além de, ao mesmo tempo, suscitar ideias nos leitores em relação a roteiros a serem propostos.

Há uma dimensão criativa em propor atividades de campo, especialmente quando tematizados. É possível visitar a mesma cidade inúmeras vezes com roteiros e interesses diferentes. Propor campos diferenciados pode estar vinculado, como anteriormente assinalado, a escolhas metodológicas. Ademais, podem pautar-se por ênfases a determinadas temáticas ou questões, como assinalamos de modo resumido no Quadro 1, quando redigimos os objetivos de cada um deles.

Realizamos campos frequentemente diferenciados, o que se deve a duas razões: procuramos a cada período letivo trabalhar com enfoque em uma problematização mais específica quanto ao urbano, sobretudo nos trabalhos teórico-prático propostos aos alunos. Ao fazer isso, igualmente nos propomos a aprender, tornando a prática didática mais próxima da pesquisa. As atividades de campo têm sido escolhidas de acordo com os propósitos e temáticas propostas. Citamos como exemplo, quando decidimos focar a questão ambiental urbana e desdobramos esses temas em trabalhos teórico-práticos sobre as principais questões a ela vinculadas em Maringá. Neste caso, o trabalho de campo foi realizado em Blumenau com o propósito de conhecer as experiências de lidar com as enchentes, inundações e deslizamentos. Outro exemplo: ao trabalhar com as questões fronteiriças municipais e urbanas o trabalho de campo foi realizado em Barracão/Dionísio Cerqueira e Bernardo Irigoyen/Argentina onde esta situação se apresenta de modo evidenciado.

Lima e Assis (2004), da mesma maneira, contemplam a possibilidade de roteiros diversos em uma mesma cidade. Eles tomam por referência a cidade de Sobral-CE e sinalizam seis roteiros com objetivos diferenciados: marcos históricos e crescimento urbano; questões

ambientais e relação sociedade x natureza; indústrias do município, organização espacial e implicações; conjuntos habitacionais; visitas a distritos municipais divididos em dois roteiros.

Obviamente, os processos socioespaciais urbanos, de modo geral, ocorrem em todas as cidades. Entretanto, sobressaem-se questões em determinadas localidades. Por isso, pensamos que cada espaço, a partir da sua realidade, nos estimula a reflexões e pautas de estudos. Foram essas as motivações que nos levaram a escolher e definir os roteiros de trabalhos de campo realizados, relacionados no Quadro 1.

A sequência adotada no quadro, não foi a cronológica porque alguns foram realizados mais do que uma vez, como foi o caso de Brasília, Curitiba, Região Metropolitana de Curitiba, incluindo roteiros por outras cidades do Paraná, Maringá e entorno, em grande parte com roteiros também diferenciados. Os primeiros itens referem-se aos destinos repetidos, seguido daqueles que pelo menos enquanto trabalho de campo, realizamos uma única viagem.

Frequentemente entramos em contato com universidades e outras instituições para auxiliar no roteiro e visitas nas diferentes cidades que visitamos. Esse contato com equipes trouxe um aprendizado duplo: a realidade a ser conhecida e a forma de se trabalhar com ela, as problematizações, metodologias e referenciais. Este foi o caso da periodização das periferias em Campinas, com base em trabalho realizado por Adriana Bernardes e seus orientandos (Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação da Unicamp), que nos acompanharam por ocasião da viagem. Na realidade, esse ganho não havia sido previsto, nos demos conta dele durante a realização das atividades. A cada viagem que pudemos contar com equipes locais, concretizou-se um intercâmbio institucional, de profissionais e acadêmicos, além do aprendizado com a realidade local. O mesmo ocorreu em diversas situações que recebemos grupos em Maringá.

Elaboramos um segundo quadro (Quadro 2) com trabalhos de campo realizados em outras disciplinas, como Geografia das Redes e a disciplina para o Programa de Pós-Graduação em Geografia: Pequenas cidades, Municípios e Escala Local, onde também estão implícitas questões urbanas. Não incluímos nos quadros, trabalhos de campo realizados nestas disciplinas que corresponderam a visitas institucionais apenas, como unidades industriais ou cooperativas.

Locais	Objetivos	Observações
Brasília: Plano Piloto, cidades satélites e parte do Planalto Central.	Conhecer a capital nacional, cidade planejada com base no urbanismo modernista.	Realizado mais que uma vez, com diferentes colegas.
Curitiba	Conhecer experiência de Planejamento Urbano (Ippuc), instituições como a Comec, Mineropar, Museu Paranaense, Largo da Ordem, Torre Panorâmica, Parques Urbanos, dentre outros.	Roteiro realizado diversas vezes, com percursos em parte diferenciados, especialmente quanto as visitas institucionais. Alguns realizados com César Miranda Mendes.
Cidades do Paraná, incluindo a capital e outras como: Campo Largo, Castro e Castrolanda, Tunas do Paraná, São Mateus do Sul e Lapa, Klabin e Porto de Paranaguá.	Explorar diferentes realidades históricas, econômicas e socioespaciais em localidades paranaenses.	Roteiro igualmente realizado diversas vezes com pós-graduandos, com roteiros parcialmente diferenciados e participação de César Miranda Mendes.
Maringá e entorno	Atividades de campo com diversas temáticas: processos socioespaciais, aspectos históricos da cidade, análise de questões específicas como qualidade da arborização, das calçadas e outros elementos da mobilidade de pedestre e poluição visual.	Campos com roteiros específicos por Maringá, repetido diversas vezes na disciplina de Geografia Urbana. Nos últimos anos, na parte central com caminhada e utilizando circular da UEM apenas para áreas periféricas.
Tupinambá – Distrito do município de Astorga	Visitar e aprender sobre pequena localidade planejada para ser uma cidade expressiva, mas atualmente estagnada.	Com participação de César Miranda Mendes, conversa com pioneiros e colaboração da acadêmica da disciplina de Geografia Urbana, em 2012: Bruna Renata.
Asunción -Paraguai	Conhecer a realidade de uma cidade latino-americana fora do Brasil, visita a Museu do Barro, Mercado Quatro (expressão circuito inferior da economia) e com colegas da arquitetura da Univ. Nacional de Asunción visitamos conjuntos habitacionais voltados a moradia social.	Campo proposto por César Miranda Mendes, no qual colaboramos. Realizado com auxílio de colegas da <i>Universidad Nacional de Asunción</i> , na qual realizamos uma sessão, com exposição de nossa parte, seguido de debate.
Região Metropolitana de Campinas: Campinas e Valinhos.	Aprender com exemplo de cidade/metrópole dispersa. Campinas e as cidades do entorno, com diversos condomínios.	Realizado com César Miranda Mendes. Campo recepcionado em Campinas por equipe da prof ^a . Dr ^a . Adriana Bernardes.
Florianópolis	Explorar sítio urbano especial, história e transformações, mobilidade urbana e outros.	Realizado com César Miranda Mendes. Recepcionados por diversos professores da UFSC.
Blumenau	Aprender sobre questões ambientais urbanas: riscos, deslizamentos e enchentes.	Realizado com César Miranda Mendes. Recepcionados por professores da Furb, (Universidade Regional de Blumenau) e Defesa Civil da mesma cidade.
Bernardo Irigoyen, Barracão e Dionísio Cerqueira	Explorar conurbação urbana em áreas fronteiriças: cooperação e conflitos.	Realizado com César Miranda Mendes, recepcionados por equipes locais.

Quadro 1. Geografia Urbana. Trabalhos de Campo realizados.

Locais	Objetivos	Observações
Maringá e região (ALL atual Rumo e estações ferroviárias abandonadas em Água Boa e Doutor Camargo), além da antiga localidade de Marilá, no município de Paiçandu.	Ampliar conhecimento sobre o transporte ferroviário na região em seus aspectos contemporâneos bem como as antigas estações em ramais completamente desativados. Por fim, visita a localidade da qual sobrou apenas a igreja rodeada por campos de cultivo de soja.	Foram realizados em dois dias diferentes, na disciplina Geografia das Redes: visita a ALL em Maringá e roteiro pelos municípios de Paiçandu e Doutor Camargo.
São Paulo	Visita a Fab Lab, Bolsa de Valores, Projeto Catavento e observação de outros aspectos da maior metrópole brasileira.	Campo de Geografia das Redes.
Município de Loanda	Conhecer a especialização produtiva de Loanda – metais sanitários. Visita a empresas e ao sindicato das indústrias.	Atividade realizada com alunos da disciplina pós-graduandos Pequenas cidades, municípios e escala local.
Município de Lobato	Conhecer principal indústria – Laticínios - Lider, a área urbana e, especialmente, sua expansão por meio do MCMV.	Atividade da disciplina optativa da graduação: Geografia dos Municípios.
Município de Engenheiro Beltrão	Conhecer a experiência de “Cidade Digital”, com Internet oferecida pelo município para sua população. Praça revitalizada e com <i>wifi</i> livre, etc.	Visita recebida por técnicos municipais e juntamente com alunos pós-graduandos da disciplina: Pequenas cidades, municípios e escala local.
Município de Luisiana	Avaliar, na perspectiva social, a realidade municipal após emancipação.	Campo organizado com Adalberto Dias de Souza e realizado com membros do Geur, sobre o tema de sua tese em um dos municípios trabalhados.
Município de Astorga	Visita a cidade e sua periferia: remoção de moradores e sua complexidade; expansão urbana; a tentativa de padronização de calçadas e visita a indústria de meias (Leke), etc.	Atividade realizada com alunos de disciplina optativa: Urbanização do Terceiro Mundo.
Município de São Manoel do Paraná.	Conhecer tentativas de inovações na gestão com entrevista coletiva com o prefeito, percorrer ruas e avaliação da qualidade de calçadas e conhecer a maior RPPN do Noroeste do Paraná – CMNP.	Atividade realizada com alunos pós-graduandos da disciplina: Pequenas cidades, municípios e escala local.

Quadro 2 - Trabalhos de campo de outras disciplinas abrangendo questões urbanas.

Cada trabalho de campo realizado foi surpreendente, confirmando a ideia de que a realidade é sempre mais rica do que as sistematizações que realizamos acerca dela. Os municípios e pequenas localidades visitadas possuem peculiaridades que apenas se revelam com procedimentos qualitativos. Embora muito possa se apreender de sua realidade por meio de dados, estar fisicamente presente em determinados espaços constitui experiência fundamental.

Ao sistematizarmos, mais especificamente, os campos relacionados a Geografia Urbana, passamos a recordar outros tantos que realizamos, entre aqueles que promovemos e os que participamos. Colocando a máquina do tempo em operação, lembramos que em eventos internacionais, participamos de campos em Montevideo, Buenos Aires, Bogotá, em localidade de Puebla no México, muitos em Barcelona por ocasião de eventos, outros durante os estágios de doutorado e posteriormente pós-doutorado. Em outras áreas da Catalunha participamos de diversas atividades de campo, como com equipe da professora Camen Bellet de Lleida e com a Sociedad Catalana de Geografia para Martorell.

Retornando ainda mais no tempo, lembramos campos realizados com colegas: Professor Moro e as diferenças no Setentrião paranaense, vinculadas aos solos e as diferenças humanas decorrentes. Quando ministrávamos aula em Cianorte, preparamos uma atividade de campo por aquela cidade com acadêmicas de pedagogia. Do mesmo modo, quando ministramos disciplina de Geografia Humana nas Ciências Sociais realizamos atividade de Campo em Maringá com os alunos daquele curso.

Por ocasião de Projeto de Extensão: *Elaboração de Atlas Municipal*, realizamos trabalho de campo com equipe do projeto (professores e discentes) para reconhecimento inicial do município, o que foi seguido por outros tantos pelos bolsistas participantes. Outras tantas visitas institucionais foram realizadas com colegas. Diversas vezes, tendo em vista a dificuldade de fazer uma viagem mais longa, visitamos atividades de Maringá, como as indústrias da Cocamar, desde a antiga fiação de seda, a indústria de óleo e a fiação de algodão.

Em meio a diversos roteiros realizados com alunos, tivemos também os nossos trabalhos de campos de pesquisa, em outros tantos municípios pelo Paraná. Durante o pós-doutorado visitamos diversas mancomunidades de municípios na Catalunha, além de muitas pequenas localidades, especialmente em Aragão e Catalunha. Em pesquisa mais recente sobre cooperações intermunicipais em áreas não-metropolitanas, realizamos amplo campo pelo Paraná, com visitas a Consórcios Intermunicipais.

Embora tenham sido consideravelmente muitos, a cada atividade de campo nos surpreendemos novamente. Sempre aprendemos mais do que esperamos. Ainda que seja possível aprimorar a prática, a postura de pesquisa em relação aos espaços visitados permitiu aprender muito. Nas atividades realizadas com os alunos, aprenderam eles e aprendemos nós. É assim que se torna gratificante a profissão de professor: a dimensão criativa, interativa e de constante crescimento e estímulo intelectual. Isso certamente está presente em outras atividades, mas seguramente os trabalhos de campo realizados continham esses ingredientes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dedicar um tempo a reflexão da prática do trabalho de campo e seus desdobramentos possibilitaram notar que é possível avançar, buscando formas cada vez mais acertadas de realizar esta tão enriquecedora atividade.

Campeamos e aprendemos junto com nossos alunos nas experiências citadas. Não apenas aprendemos com a realidade dos espaços visitados, como os grupos aproveitaram as dimensões da interação e sociabilidade abrangidos em um trabalho de campo. Isso sempre esteve presente e estes ganhos sempre ocorreram. Contudo, na medida em que nos tornamos conscientes deles, podem ser valorizadas as oportunidades neste sentido. O mesmo se aplica aos encontros com colegas das mais variadas instituições que nos receberam e ensinaram sobre a realidade de suas cidades. Ao fazer isso, compartilharam concepções teóricas e metodologias de análises, enriquecendo ainda mais nossos objetivos quanto ao trabalho de campo.

Portanto, aprimorar um trabalho de campo abrange preparar os roteiros com uma questão a ser entendida, um grupo a ser preparado para isso e para trabalhar em conjunto, além de sistematização e debate a ser compartilhado. Essa recomendação aplica-se a trabalhos de campo com deslocamentos distantes, mas também, àqueles que podem ser realizados na própria cidade, inclusive caminhando.

Como assinalamos antes, ainda que as atividades possíveis sejam breves, é preciso aproveitar a reflexão que acompanha tanto a observação quanto a coleta de dados ou outras formas interativas. Nunca é demais lembrar, nesse mundo acelerado, gerador de insensibilidades: é preciso manter a capacidade de estranhamento. Não acostumar o olhar, especialmente para a

realidade próxima, aceita muitas vezes como normalidade porque se impõe pela repetição. Impossível não lembrar deste excerto: *E, por favor, não achem natural o que acontece e torna a acontecer: não se deve dizer que nada é natural numa época de confusão e sangue; desordem ordenada, arbítrio de propósito humanidade desumanizada para que imutável não se considere nada!* (BRECHT, 2018 [1930]).

Olhar as cidades com estranheza (mesmo aquela de todo dia), campear por elas e buscar compreender as dinâmicas diversas que podem explicá-las. Tudo isso deve fazer parte da formação geográfica. Campeemos, pois.

5 REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo R. R.; ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n 84, p. 51-68, 2006.

BRECHT, Bertolt. **A exceção e a regra**. [1930]. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/356956970/A-excecao-e-a-regra-pdf>. Acesso em 19.Set.2018.

ENDLICH, Angela Maria. Sobre olhar o mundo com estranheza. **Revista de Divulgação Cultural**. Blumenau, Furb. V.27, p.57-62, 2005.

KAYSER, Bernardo. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n 84, p.93-104, 2006.

LACOSTE, Yves. Lacoste, Yves. **Pesquisa e trabalho de campo**: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo n 84, p. 77-92, 2006.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral-CE: uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revista Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, v.6/7, n.1, p.109-121, 2004.

SANSOLO, Davis Gruber. O trabalho de campo e o ensino de Geografia. **Geosp**: Espaço e Tempo. São Paulo, n. 7, p. 135-145, 2000.

SILVA, Armando Corrêa. Natureza do Trabalho de Campo em Geografia Humana e suas limitações. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo, v.1, p.49-54, 1982.

SILVA, Ana Maria Radaelli. **Trabalho de campo**: prática andante de fazer Geografia. Si. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/0003.html>. Acesso em 05.Set.2018.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em geografia. **GEOgraphia**. Niterói-RJ, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.

Data de recebimento: 14 de outubro de 2018.

Data de aceite: 01 de novembro de 2018.